

# Do Moderno ao Digital ao Não Moderno: a Relevância da Cibernética de Segunda Ordem para uma Arquitetura Brasileira.

**From modern to digital to non modern: the relevance of second order cybernetics for a Brazilian architecture.**

**José dos Santos Cabral Filho**

*Escola de Arquitetura da UFMG – Brasil  
cabralfilho@gmail.com*

**Abstract.** *Brazilian society is marked by informality, by social plasticity and a predisposition towards game and play. These characteristics are opposed to the perspectival paradigm's principles, which are the base of modern architecture. Therefore, a modernist practice in Brazil meets an extra level of difficulty because it has to cope with these rather playful aspects. If we consider the second-order cybernetics and its conversation theory, the plasticity that characterizes Brazilian culture may stop being an obstacle and, if coupled with digital technologies, may become the very basis for a truly modern Brazilian architectural practice.*

**Keywords.** *Brazilian modern architecture; second order cybernetics; modernism; Brazil.*

## O conservadorismo moderno da arquitetura brasileira

A produção da arquitetura no Brasil passa por um momento complexo, onde a prática dos arquitetos parece ter perdido a relevância para a sociedade brasileira, especialmente se considerarmos o papel fundamental que a mesma teve para a conformação cultural do país nos anos 50 e 60. Diversos autores veem como ponto de inflexão a ditadura militar, e uma crise pós-Brasília. Lira aponta uma desorientação e um conformismo no meio profissional brasileiro, que ele credita a uma cisão entre reflexão e prática projetual e “à forma como a modernidade arquitetônica passou a ser interpelada entre nós.” (Lira, 2006).

Esta perda da relevância cultural se torna mais surpreendente se comparada com a crescente valorização dos arquitetos nos chamados “países desenvolvidos”, onde os mesmos tem se transformado em agentes de mudança urbana, sendo inclusive disputados como agentes fundamentais nas estratégias de marketing urbano.

Como uma reação natural a este panorama, assistimos no país a uma tentativa de recuperar a importância da arquitetura para a sociedade através de um retorno ao vocabulário formal da arquitetura modernista. O problema desta atitude é que, de forma geral, estes arquitetos tentam se atrelar ao modernismo enquanto movimento historicizado e, neste sentido, visto apenas como um estilo. Como salienta Lauro Cavalcanti “os profissionais de hoje citam elementos da gramática modernista assim como os pós-modernistas citavam elementos de estilos pretéritos, gótico, românico ou neoclássico.” (Cavalcanti, 2005)

Assim podemos afirmar que esta atitude re-modernista que estamos assistindo não é nada mais que uma continuação do pós-modernismo enquanto revisionismo estilístico. Ou seja, tentar repetir a produção tecnologicamente avançada de Artigas, Paulo Mendes da Rocha e Niemeyer através de uma releitura formal, é consolidar uma prática que se configura como anacrônica por princípio, pois esquece que estes arquitetos se notabilizaram por usar os recursos tecnológicos mais avançados à sua época. Hoje não há dúvida que o avanço tecnológico está no campo das tecnologias da informação e comunicação, não no concreto armado.

## CAD como limite

Se por um lado esse retorno ao formalismo moderno marca a produção da arquitetura brasileira contemporânea, por outro, investigações sobre o uso das tecnologias da informação no que tange às possibilidades de produção da arquitetura, tem eco bastante restrito no país. Com exceção da prática de alguns poucos profissionais, o uso das técnicas digitais praticamente se restringe à aplicação convencional dos sistemas de CAD os quais, a rigor, apenas coroam as técnicas representacionais oriundas da Renascença que tem como base o formalismo, o determinismo e uma almejada linearidade projetual.

É verdade que nos últimos anos temos visto a ampliação de pesquisas para além do CAD em algumas escolas de arquitetura brasileiras. No entanto estas pesquisas além de serem tímidas, acontecem de alguma forma, tardiamente. Tanto as pesquisas de BIM quanto à de fabricação digital acontecem no país com uma defasagem em relação aos centros de pesquisas europeus e norte-americanos. Esta defasagem não é algo circunstancial, fruto de uma carência de recursos. De acordo com o filósofo Vilém Flusser (Flusser, 1998) a defasagem faz parte da cultura brasileira, e está inscrita em nossa formação. Mesmo com a velocidade das comunicações e a simultaneidade dos eventos, trazemos um acanhamento de quem não experimentou o problema em sua forma e pulsão originais. O que não impede a transformação desse acanhamento em originalidade.

De qualquer forma falta à prática arquitetônica brasileira atual um postura de fato mais ‘moderna’ no sentido de se engajar na modernidade do ferramental teórico e técnico disponíveis hoje, pois de fato continuar a tradição moderna seria investigar não formas e materiais modernistas mas sim as possibilidades e articulações conceituais e instrumentais que só se tornaram possíveis na atualidade.

Dentro dessa ótica, a contraposição proposta nesse seminário - moderno versus digital - só faz sentido num Brasil que imagina o moderno como estilo, ou seja, que faz equivaler moderno a modernista, já que hoje o moderno (no sentido não estilístico, mas no sentido de atual) é aquilo que é digital. Não há contradição entre moderno e digital, a não ser que tomemos moderno como estilo de época. Ou seja, a própria proposição temática deste Sigradi é sintoma dessa consideração do moderno como estilo que caracteriza a produção arquitetônica brasileira recente.

## A ilusão da modernidade

Mas a questão da modernidade não é simples, conforme nos lembra Bruno Latour (Latour, 1994) em seu celebrado livro “Jamais fomos modernos”. De acordo com o autor o que caracteriza o moderno é uma grande e radical divisão entre natureza e cultura, entre ciência e sociedade que começa a ser esboçada no século XVII. Ele argumenta, no entanto, que apesar da cultura ocidental se ver e se imaginar moderna, ela jamais atingiu esse status, ela jamais funcionou dentro dessa separação radical entre as esferas da ciência e da política, entre o mundo dos objetos e o mundo dos humanos. Ainda que de forma velada, nossa cultura sempre se caracterizou pela constante construção de ‘híbridos’ e nesse sentido jamais fomos modernos.

Esta mesma ilusão da modernidade apontada por Latour na cultura de forma geral pode ser percebida no processo de produção arquitetônico moderno, com a fragmentação entre a criação, o canteiro e o habitar. Ainda que a produção da arquitetura nunca aconteça realmente de forma linear, o processo ideal que aprendemos e ensinamos nas escolas é calcado numa cadeia linear-causal que iria linearmente da criação, à representação, à construção e à habitação. Mas essa idealização é desmentida pelos ruídos que aparecem nessa cadeia - de erros na comunicação do projeto às interferências dos construtores e clientes. Nesse sentido, podemos dizer que também nunca tivemos uma arquitetura moderna.

Esta constatação de que na verdade nunca fomos modernos ganha especial relevância no contexto brasileiro. A cultura brasileira ainda hoje se nutre de forma nostálgica da Semana de Arte Moderna acontecida em 1922 e há uma certa fetichização em torno da idéia de que nosso caráter moderno é algo compulsório e inato. Euclides da Cunha afirmava que “estamos condenados à civilização. Ou progredimos, ou desaparecemos”; Mário Pedrosa dizia que “O Brasil é, essencialmente, um país condenado ao moderno.”; e Wisnik, mais recentemente, fala em uma “modernidade congênita”.

Esta ânsia brasileira de se imaginar ‘condenado à modernidade’, parece querer afirmar a necessidade de nos livrarmos dos nossos antepassados pré-modernos - índios e africanos. Falando da formação da alma brasileira, Gambini lembra que “nossa consciência e nossa identidade foram construídas no plano da racionalidade, faltando, para completá-la uma contrapartida não racional que lhes restituía a base perdida desde o começo de um processo que está agora completando 500 anos.” (Gambini, 2000). De fato Latour aponta como fundamental para a manutenção do imaginário moderno a separação entre modernos e não modernos, estes últimos identificados com o atraso pelo fato de misturarem natureza e cultura, em outros termos, pelo fato de habitarem um contínuo natureza-cultura, homem-objeto.

## Brasil - informalidade e jogo

Apesar de se imaginar condenada à modernidade, a sociedade brasileira, traz enraizada as mais variadas formas de sincretismos e rituais, conforme nos apontam Darcy Ribeiro e Vilém Flusser. Ambos apontam para as características não-modernas peculiares da sociedade brasileira, tais como a informalidade, a plasticidade social e uma natureza aberta ao jogo e à brincadeira. Estas características são resultados da formação da sociedade brasileira a partir das matrizes étnicas índias e negras, com um contributo de um pequeno número de portugueses. Como mostra Darcy Ribeiro, um pequeno número de homens portugueses através de uma profícua miscigenação com índias e negras, gerou uma sociedade de características únicas e fundamentalmente diferentes de suas matrizes originais.

Estes aspectos apontados tanto por Ribeiro quanto por Flusser, a informalidade, a plasticidade e a disposição para encarar os eventos

como situação de brincadeira, são elementos que sempre dificultaram a adequação da sociedade brasileira dentro de parâmetros ocidentais de modernidade, quais sejam, ordem, estrutura, hierarquia e determinismo. Estas características, por divergirem frontalmente dos princípios do ‘paradigma perspectívico’, fazem com que as dificuldades inerentes à prática profissional modernista ganhem uma dimensão ainda maior no Brasil.

## Cibernéticos pela própria natureza

Este problema é esvaziado a partir do momento em que abordamos esta questão sob a ótica da cibernética, especialmente a cibernética de segunda ordem. O modo como a cibernética estuda o controle e a comunicação, abordando o mundo através das relações abstratas das funções e dos fluxos de informação mais que através dos aspectos físicos dos sistemas, parece abrir um universo novo de perspectivas para além destes parâmetros de ordenação baseada no determinismo e na linearidade, que marcam a modernidade. De fato, a cibernética, ao formalizar uma abordagem da causalidade circular em oposição a uma linearidade causal, ao tratar das relações em loop onde a retro-alimentação viabiliza uma correção de percurso ao longo da própria trajetória, nos acena com a possibilidade de superarmos a herança moderna do paradigma perspectívico da Renascença.

Assim, os brasileiros originais e sua brasilidade podem ser considerados cibernéticos de segunda ordem “avant la lettre”. Da mesma forma, nosso modo atual de abordar o mundo, conformado através daquilo que herdamos do pensamento selvagem e das articulações (visões de mundo) pré-modernas de nossos ancestrais indígenas e africanos, pode ser considerado como um modo cibernético. Na verdade um modo cibernético compulsório, com o qual lidamos até hoje de forma problemática – cheios de sentimento de culpa e buscando a qualquer custo reprimi-lo de forma a nos encaixar numa perspectiva ‘de primeiro mundo’, como gostamos de dizer. Mas se vista sob a ótica da cibernética (e da topologia) tais características podem deixar de ser uma condenação e se transformar numa força libertadora já que sairíamos da condição de pré-modernos para alçar uma perspectiva não-moderna.

De certa forma os processos de criação das arquiteturas informais brasileiras já lidam com estes parâmetros não deterministas, e por isso mesmo, se assemelham sobremaneira às propostas radicais de arquitetos/pensadores de vanguarda dos anos 60, tais como Cedric Price, Gordon Pask e John Weeks, que, trabalhando com conceitos da cibernética, fizeram amplo uso da indeterminação e da flexibilidade.

Neste sentido a arquitetura das favelas brasileiras, a despeito de sua precariedade e pobreza, em sua informalidade é mais cibernética, e portanto mais significativa para a cultura brasileira do que a chamada arquitetura culta, incapaz de lidar com a informalidade e os processos de ajustes locais, incapaz de lidar com a abertura e a dialogicidade.

Em suma, se considerarmos a cibernética de segunda ordem e sua teoria da conversação, onde através da inclusão do observador no sistema observado se viabiliza uma nova consideração de sistemas instáveis, a característica de plasticidade da cultura brasileira oriunda da matriz afro-indígena pode deixar de ser um empecilho e, se aliada à tecnologias digitais, pode se transformar no próprio fundamento para a prática arquitetônica brasileira contemporânea.

## Agradecimentos

Agradeço ao CNPq e ao NPGAU pelo suporte financeiro para o desenvolvimento dessa pesquisa.